

Prosa *Poeteiro* Verso  
Iba Mendes

# Literatura



Antônio Botto  
*Canções*



Iba Mendes  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# Antônio Botto

## *Canções*

Atualização ortográfica  
Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1921.

**Antônio Tomás Botto**  
**(1897 – 1959)**

“Projeto Livro Livre”

**Livro 395**

---



Poeteiro Editor Digital  
São Paulo - 2014  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)



## Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Antônio Botto: “*Canções*”.

É isso!

Iba Mendes  
[iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com)

## BIOGRAFIA

Antônio Botto nasceu em Concavada, freguesia do concelho de Abrantes, Portugal, no dia 17 de agosto de 1897. Faleceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 16 de março de 1959.

Filho de Maria Pires Agudo e de Francisco Thomaz Botto. O seu pai trabalhava como "marítimo" no rio Tejo. Em 1908 a sua família mudou-se para o bairro de Alfama em Lisboa, onde cresceu no ambiente popular e típico desse bairro, que muito influenciou a sua obra. Recebeu pouca educação formal e trabalhou em livrarias, onde travou conhecimento com muitas das personalidades literárias da época, e foi funcionário público. Em 1924 (1925) trabalhou em Santo Antônio do Zaire e Luanda, na então colônia de Angola.

A sua obra mais conhecida, e também a mais polêmica, é o livro de poesia *Canções* que, pelo seu caráter abertamente homossexual, causou grande agitação nos meios religiosamente conservadores da época. Foi amigo pessoal de Fernando Pessoa, que traduziu em 1930 as suas *Canções* para o inglês, e com quem colaborou numa *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*. Antônio é abertamente homossexual (apesar de ser casado com uma Bejense, Carminda Alves Silva). Sua obra reflete muito de sua orientação sexual e no seu conjunto será, provavelmente, o mais distinto conjunto de poesia homoerótica de língua portuguesa. Morreu atropelado em 1959 no Brasil, para onde se tinha exilado para fugir às perseguições homofóbicas de que foi vítima, na mais dolorosa miséria. Os seus restos mortais foram trasladados para o cemitério do Alto de São João, em Lisboa, em 1966.

Antônio Botto tinha uma forte personalidade. Descrevem-no como magro, de estatura média, um *dandy*, de rosto oval, a boca muito pequena de lábios finos, os olhos amendoados, estranhos, inquisitivos e irônicos (de onde por vezes irrompia uma expressão perturbadoramente maliciosa) frequentemente ocultados sob um chapéu de abas largas.

Tinha um sentido de humor sardônico, incisivo, uma mente e língua perversas e irreverentes, e era um conversador brilhante e inteligente. Era amigo do seu amigo, mas ferozmente ruim se sentia que alguém antipatizava com ele ou não o tratava com a admiração incondicional que ele julgava merecer. Este seu feitio criou-lhe um grande número de inimigos. Alguns dos seus contemporâneos consideravam-no frívolo, mercurial, mundano, inculto, vingativo, mitômano, maldizente e, sobretudo, terrivelmente narcisista a ponto de ser megalômano.

Era visitante regular dos bairros boêmios de Lisboa e das docas marítimas onde desfrutava a companhia dos marinheiros, tantas vezes tema da sua poesia. Apesar de ser, sobretudo homossexual, Antônio Botto foi casado até ao final da sua vida com Carminda Silva Rodrigues ("O casamento convém a todo homem belo e decadente", como escreveu).

No Brasil residiu em São Paulo até 1951 quando se mudou para a cidade do Rio de Janeiro. Sobreviveu escrevendo artigos e colunas em jornais Portugueses e Brasileiros, participando em programas de rádio e organizando récitas de poesia em teatros, associações, clubes e, por fim, botequins.

A sua vida foi-se degradando de dia para dia e acabou por viver na mais profunda miséria. A sua megalomania agravada pela sífilis era gritante e não parava de contar histórias delirantes das visitas que André Gide lhe teria feito em Lisboa ("Se não foi o Gide, então foi o Marcel Proust..."), de ser o maior poeta vivo e de ser o dono de São Paulo. Em 1954 pediu para ser repatriado, mas desistiu por falta de dinheiro para a viagem. Em 1956 ficou gravemente doente e foi hospitalizado por algum tempo.

Em 4 de março de 1959, ao atravessar a Avenida Copacabana, no Rio de Janeiro, foi atropelado por um automóvel do governo. No dia 16 de março de 1959, no Hospital da Beneficência Portuguesa, Botto, mal barbeado e pobremente vestido, expira, abraçado pela sua inconsolável mulher, que o chora perdidamente.

Em 1966 os seus restos mortais foram trasladados para Lisboa e, desde 11 de Novembro do mesmo ano, estão depositados no Cemitério do Alto de São João.

O seu espólio será enviado do Brasil pela sua viúva Carminda Rodrigues a um parente, que o doará, em 1989, à Biblioteca Nacional.

Em 2012, estreou a curta-metragem "O Segredo Segundo Antônio Botto" que sugere uma relação amorosa entre Antônio Botto e Fernando Pessoa.

*“O homem será sempre o mortal enigma; a sombra das sombras.”*

Antônio

## **PALAVRAS SOBRE O ARTISTA E SOBRE O LIVRO “CANÇÕES”, POR JAIME DE BALSEMÃO**

### **CANÇÕES!**

Canções à vida, não lamentos aos destinos. Canções à Forma que é linda, portanto, canções a Deus. É assim que Antônio Botto canta o homem, o qual vencido pende para a terra sob o peso dos sentidos; o homem escravo, o rei do Universo. Canta a humanidade e as coisas terrenas para lhes louvar a existência involuntária; canta a humanidade como ele sabe que ela é e não como ele desejaria que ela fosse. É esta a mais suave das filosofias, é esta toda a sua filosofia, criando na matéria uma arte deslumbrante de liturgias, dando a essa matéria toda uma origem divina. Se é nela que germina a forma, a cor, o som, olhar atento é rezar em silêncio. Antônio Botto louva e não maldiz, porque atravessa a existência para compreender. E, louvando, segue a eminência do pensar heleno, a grande harmonia dos dois mais nobres Princípios; — a arte e o critério; porque meditá-los é aliar num quietismo magnânimo as dolorosas imagens das nossas vidas. Canções de antigo requinte, canções de quente Sul. Canções à morna volúpia que adormece a louca angústia da razão. Canções de renascença, pelo sabor da verdade e pela técnica da maneira; canções onde a mudez não é uma crueza hostil, mas um desígnio de sabedorias, como nos dias gloriosos de Cirena, das frutas encantadas, deleusus... Canções, ao amor, — o triste desatino; ao mar gemendo lascivas, às sombras acolhedoras, ao cheiro acre das terras. Canções ao belo vinho amigo, que afasta os corpos famintos, e, a sós, sem conivências, não pedindo e não carpindo, — sem cômico e sem tragédia — canta a vida que sorri e olha os tempos sem medo. Canções cheias de sombra e cheias de intenção; canções de beleza porque são humanas e porque são raras. Humanas, dizendo a febre de todo o gozo, a luxúria que conquista, toda a posse que tortura; raras pela forma, pelo conceito, pelo sentir. Cantando a imperfeição o poeta canta a vida.

Doando assim por essa gentil alquimia, a mais excelente das ciências com a mais ilustre das artes, o poeta das “Canções”, prefere, ao repouso feliz do muito desprezar, o sofrimento constante do muito amar. A vida seria melhor se nela não existissem coisas tão belas! É a Forma que o enleva, essa forma que o

tempo absorve e devora com a vida dos artistas, porque a arte a ilumina. Essa forma onde, por vezes, palpita um desejo decadente de perfeições aladas e que são a decadência destas canções sentidas. Porque decadência é como um tédio cheio de revolta motivado pela tortura da beleza para renascer no requinte da estética; maneira de protesto genial presidindo a todos os ressurgimentos nas Artes. É a Grécia douta e augusta, que renasce nos versos de Antônio Botto, como em todas as renascenças; renasce numa visão de fumo lento, erguendo-se das áras votivas ao domínio dos Deuses humanos, a esse há deslumbroso de murtas, divino de compreensões, a essa mansão da Inteligência, dirigindo as celebrações nas vestalias como a humanidade nos peitos.

..... O homem cede ao desejo como a nuvem cede ao vento.

E Antônio Botto louva esse desejo regendo as ações do homem, porque o homem dele nasceu. O amor cantado assim, não é o opróbrio que avilta, mas o culto que enobrece. Cantar a humanidade para a tornar mais bela!... Como os egípcios cadenciando-lhe o gesto nas danças, como os gregos cultivando-lhe a graça dos ginásios, como os romanos nos libames a Júpiter. Nestas canções, o amor, o vinho, os festins das carnes amorosas, as penumbras languidas são narcóticos preciosos onde o poeta afoga as dores do pensamento. É Vênus, Eros ou Afrodite; é o Amor Universal que, despreza a fome, a sede, a fadiga, para lançar no mesmo tropel os sexos, as castas e as inteligências, o amor que tenta adormecer, com o seu macabro e com o seu grotesco nos braços tolhidos da Noção; o amor, Grande e Único como o Sol, embora disperso em muitas laminas doiradas; — o amor que ergue nestas canções o seu grito imortal; ora varonil investindo na exaltação da conquista, ora feminino abandonando-se na ânsia da dádiva; palpitando nos peitos viris, vencendo nos seios amorosos. É o amor profano, profano como todos os amores humanos, os mais divinos ou os mais terrenos. É tudo que se arrasta, tudo que se lamenta em redor do homem, suplicando um imensa simpatia para a grande e inalterável Animalidade, a qual é como um vasto campo, onde homens, insetos, e gados, se agitam, entre a poderosa serenidade das formas vegetais, sob a mesma claridade fecundante, sob a mesma armadura de velho ouro que os une e assimila.

A inspiração do poeta é nobre e ousada, porque é dirigida pelo carinho tutelar da beleza e da humanidade. Ele faz da sonoridade das palavras a escolha mais rítmica, mas quando essa fonética obedeça doutamente à minúcia exigente do seu espírito raro destilista alexandrino, ornado, expandido nas belas letras. A sua Arte é toda harmoniosa de ironia; dessa ironia, dessa deidade antiga forçando a inteligência a perdoar aos homens a sua presença ruidosa e feroz, para a posse da mais gentil das coragens: — sorrir! Então Antônio Botto *não faz da eterna ignorância uma tortura, mas uma suave piedade. Dentro do mistério*

*Universal: — do seio que sente e concebe, da semente que germina e ensombra, nada será espantoso, nada será estranho. As combinações abstratas o poeta cede as combinações sensíveis; a emoção pura, a sensibilidade consciente, a toada musical e branda. A sua tranquila aceitação dos dilemas imutáveis pairando na vida, a sua compreensão lógica, a sua natural intuição, animam-nos de um prazer juvenil ao falar do Artista e das suas “Canções”. Cantam elas a treva do saber mesquinho dos homens, a ilusão de onde nascem as angústias para a posse das venturas, a amizade nos peitos como desenhos pueris na superfície das águas. Cantam doces crepúsculos, onde o Ideal, na solidão e na morte, é sempre perfeito porque foge como os Sóis. São canções onde a angústia é uma elegia de condescendências. O homem nascendo para acreditar e para servir, o seu fanatismo vibra não das verdades mais demonstradas, mas, das ilusões mais belas. Essa ilusão é a Arte, essa Arte uma doce ironia de conforto belo. E o homem vai sempre imaginando e sofrendo. Entre Platão e Fídias, Lucrecio e Virgílio, os Medicis e Miguelangelo, Luiz XIV e Racine, Goete e Beethoven, existe a mesma comunhão de luminosidade divina, onde Jesus e São Francisco de Assis, passam amenamente, para fazer reinar no coração dos homens uma esperança sem fim e um encantamento sem verdade. Cantar a bondade ou a beleza humana, é reconciliar a humanidade com a sua impudícia e o seu egoísmo. — Impudícia e egoísmo, perduráveis razões de todo o ser humano! É por essa orquestração sublime que o tédio cede à vida uma morada dileção, uma resignação conciliante a salutar. É assim pois, colhendo de um clamor pavoroso, uma sinfonia uníssona, vestindo com uma preciosa ironia os penosos fatalismos das realidades, e excelando na difícil maneira de ser simples, que\_ Antônio Botto entoa primorosamente, entre sedas e vinhos, a negra história dos mortais: — O AMOR E A DOR.*

## I

Suavemente descia;  
E eu nos teus braços deitado  
Até sonhei que morria.

### E via

Goivos e cravos aos molhos;  
Um Cristo crucificado;  
Nos teus olhos,  
Suavidade e frieza;  
Damasco roxo, cinzento,  
Rendas, veludos puídos,  
Perfumes caros entornados,  
Rumor de vento em surdina,  
Incenso, rezas, brocados;  
Penumbra, sinos dobrando;  
Velas ardendo;  
Guitarras, soluços, pragas,  
E eu... devagar morrendo.

O teu rosto moreninho,  
Eu achei-o mais formoso,  
Mas, sem lágrimas, enxuto;  
E o teu corpo delgado,  
O teu corpo gracioso,  
Estava todo coberto de luto.

Depois, ansiosamente,  
Procurei a tua boca,  
A tua boca sadia;  
Beijamo-nos doidamente...  
— Era dia!

E os nossos corpos unidos,  
Como corpos sem sentidos,  
No chão rolaram... e assim ficaram!...

## II

Por uma noite de outono  
Lá nessa nave sombria,

Hei de contigo deitar-me,  
Mulher branca e muda e fria!

Hei de possuir na morte  
O teu corpo de marfim,  
Mulher que nunca me olhaste,  
Que nunca pensaste em mim...

E quando, no fim do mundo,  
A trombeta, além, se ouvir,  
Apertar-te-ei mais ainda,  
— Não te deixarei partir!

A tua boca formosa  
Será sempre dos meus beijos;  
E o teu corpo a minha pátria,  
A pátria dos meus desejos.

### III

Andava a lua nos céus  
Com o seu bando de estrelas.

Na minha alcova,  
Ardiam velas,  
Em candelabros de bronze.

Pelo chão, em desalinho,  
Os veludos pareciam  
Ondas de sangue e ondas de vinho.

Ele olhava-me cismado;  
E eu,  
Placidamente, fumava,  
Vendo a lua branca e nua  
Que pelos céus caminhava.

Aproximou-se; e em delírio  
Procurou avidamente,  
E avidamente beijou  
A minha boca de cravo  
Que a beijar se recusou.

Arrastou-me para Ele,  
E, encostado ao meu ombro,  
Falou-me d'um pagem louro  
Que morrera de Saudade,  
Á beira-mar, a cantar...

Olhei o céu!  
Agora, a lua, fugia,  
Entre nuvens que tornavam  
A linda noite sombria.

Deram-se as bocas num beijo,  
— Um beijo nervoso e lento...  
O homem cede ao desejo  
Como a nuvem cede ao vento.

Vinha longe a madrugada.

Por fim,  
Largando esse corpo  
Que adormecera cansado  
E que eu beijara loucamente  
Sem sentir,  
Bebia vinho, perdidamente,  
Bebia vinho... até cair.

#### IV

Bendito sejas,  
Meu verdadeiro conforto  
E meu verdadeiro amigo!

Quando a sombra, quando a noite  
Dos altos céus vem descendo,  
A minha dor,  
Estremecendo, acorda...

A minha dor é um leão  
Que lentamente mordendo  
Me devora o coração.

Canto e choro amargamente;  
Mas a dor, indiferente,  
Continua...

Então,  
Febril, quase louco,  
Corro a ti, vinho louvado!  
— E a minha dor adormece,  
E o leão é sossegado.

Quanto mais bebo mais dorme:  
Vinho adorado,  
O teu poder é enorme!

E eu vos digo, almas em chaga,  
Ó almas tristes sangrando:  
Andarei sempre  
Em constante bebedeira!

Grande vida!

— Ter o vinho por amante  
E a morte por companheira!

## V

Foi numa tarde de Julho.  
Conversávamos a medo,  
— Receios de trair  
Um tristíssimo segredo.

Sim, duvidávamos ambos:  
Ele não sabia bem  
Que o amava loucamente  
Como nunca amei ninguém.  
E eu não acreditava  
Que era por mim que o seu olhar  
De lágrimas se toldava...

Mas, a dúvida perdeu-se;  
Falou alto o coração!  
— E as nossas taças  
Foram erguidas  
Com infinita perturbação!

Os nossos braços  
Formaram laços.

E, aos beijos, ébrios, tombamos;  
— Cheios d'amor e de vinho!

(Uma súplica soava:)

“Agora... morre comigo,  
Meu amor, meu amor... devagarinho!...”

## VI

Quanto, quanto me queres? — perguntaste  
Olhando para mim mas distraída;  
E quando nos meus olhos te encontraste,  
Eu vi nos teus a luz da minha vida.

Nas tuas mãos, as minhas, apertaste.  
Olhando para mim como vencida,  
“...quanto, quanto...” — de novo murmuraste  
E a tua boca deu-se-me rendida!

Os nossos beijos longos e ansiosos,  
Trocavam-se frementes! — Ah! ninguém  
Sabe beijar melhor que os amorosos!

Quanto te quero?! — Eu posso lá dizer!...  
— Um grande amor só se avalia bem  
Depois de se perder.

## VII

Anda, vem... ¿por que te negas,  
Carne morena, toda perfume?  
¿Por que te calas,  
Por que esmoreces  
Boca vermelha,-rosa de lume!

Se a luz do dia  
Te cobre de pejo,  
Esperemos a noite presos num beijo.

Dá-me o infinito gozo  
De contigo adormecer,  
Devagarinho, sentindo

O aroma e o calor  
Da tua carne,-meu amor!

E ouve, mancebo alado,  
Não entristeças, não penses,  
— Sê contente,  
Porque nem todo o prazer  
Tem pecado...

Anda, vem... dá-me o teu corpo  
Em troca dos meus desejos;

Tenho Saudades da vida!

Tenho sede dos teus beijos!

### VIII

Se me deixares, eu digo  
O contrário a toda a gente;  
E, neste mundo de enganos,  
Fala verdade quem mente.  
Tu dizes que a minha boca  
Já não acorda desejos,  
Já não aquece outra boca,  
Já não merece os teus beijos;  
Mas, tem cuidado comigo,  
Não procures ser ausente:  
— Se me deixares, eu digo  
O contrário a toda a gente.

### IX

Ouve, meu anjo:  
¿Se eu beijasse a tua pé!?  
¿Se eu beijasse a tua boca  
Onde a saliva é um mé!?...  
Onde a saliva é um mé!...

Quis afastar-se mostrando  
Um sorriso desdenhoso;  
Mas ai!

— A carne do assassino  
É como a do virtuoso.

Numa atitude elegante,  
Misteriosa, gentil,  
Deu-me o seu corpo doirado  
Que eu beijei quase febril.

Na vidraça da janela,  
A chuva, leve, tinia...

Ele apertou-me, cerrando  
Os olhos para sonhar...  
E eu, lentamente, morria  
Como um perfume no ar!

## X

Quem é que abraça o meu corpo  
Na penumbra do meu leito?  
Quem é que beija o meu rosto,  
Quem é que morde o meu peito?  
Quem é que fala da morte,  
Docemente, ao meu ouvido?

És tu, Senhor dos meus olhos,  
E sempre no meu sentido.

## XI

Tenho a certeza  
De que entre nós tudo acabou.  
Deixá-lo!  
Bendita seja a tristeza!  
— Não há bem que sempre dure  
E o meu bem pouco durou.

Não levantes os teus braços,  
Para de novo cingir  
A minha carne de seda;  
— Vou deixar-te... vou partir.

E se um dia te lembrares,  
Dos meus olhos cor de bronze  
E do meu corpo franzino,  
Acalma  
A tua sensualidade,  
Bebendo vinho e cantando  
Os versos que te mandei  
N'aquela tarde cinzenta...

Adeus!

Quem fica sofre bem sei;  
Mas sofre mais quem se ausenta!...

## XII

Tu mandaste-me dizer  
Que tornavas novamente  
Quando viesse a tardinha;  
E eu, para mais te prender,  
— Nesse dia...

Pintei de negro os meus olhos  
E de roxo a minha boca.  
As rosas eram aos molhos  
Para a noite rubra e louca!

Entornei sobre o meu corpo,  
— Que fora delgado e belo!  
O perfume mais estranho e mais subtil;  
E um brocado roxo e verde  
Envolveu a minha carne  
Macerada e varonil.  
Os meus ombros florentinos,  
Cobertos de pedraria,  
Eram chagas luminosas  
Alumiando o meu corpo  
Todo em febre e nostalgia.  
Nas minhas mãos de cambraia,  
As esmeraldas cintilavam;  
E as pérolas nos meus braços,  
Murmuravam...  
Desmanchado, o meu cabelo,

Em ondas largas, caía,  
Na minha frente  
Ligeiramente sombria.

Estava pálido e dir-se-ia  
Que a palidez aumentava  
A minha grande beleza!

Na minha boca ondulava  
Um sorriso de tristeza.

A noite vinha tombando.

E, como tardasses,  
Fiquei-me, sentado, olhando  
O meu vulto refletido  
No espelho de cristal;

E afinal,  
Nem frescura, nem beleza,  
No meu rosto descobri!

— Ó morte, não me procures!  
E tu, meu amor, não venhas!...  
— Eu já morri.

### XIII

Já na minha alma se apagam  
As alegrias que eu tive;  
Só quem ama tem tristezas,  
Mas quem não ama não vive.

Andam pétalas e folhas  
Bailando no ar sombrio;  
E as lágrimas, dos meus olhos,  
Vão correndo ao desafio.

Em tudo vejo Saudades!  
A terra parece morta.  
— Ó vento que tudo levas,  
Não venhas à minha porta!

E as minhas rosas vermelhas,  
As rosas, no meu jardim,  
Parecem, assim caídas,  
Restos de um grande festim!

Meu coração desgraçado,  
Bebe ainda mais licor!  
— Que importa morrer amando,  
Que importa morrer d'amor!

E vem ouvir bem-amado  
Senhor que eu nunca mais vi:  
— Morro mas levo comigo  
Alguma cousa de ti.

#### XIV

A vossa carta comove,  
Mas, não vos posso acompanhar.  
Deixai-me viver em penas;  
— Vou sofrendo e vou sorrindo,  
O meu destino é chorar!

Sim, é certo; — quem eu amo  
Zomba e ri do meu amor...  
— Que hei de eu fazer? — Resignar-me,  
Gentilíssimo Senhor!

Depois, quanto mais sabemos,  
Parece que mais erramos:

— Antes sofrer os males que nos cercam  
Do que ir em busca de outros que ignoramos.

#### XV

De Saudades vou morrendo  
E na morte vou pensando:  
Meu amor, por que partiste,  
Sem me dizer até quando?  
Na minha boca tão linda,  
Ó alegrias cantai!

Mas, quem se lembra d'um louco?  
— Enchei-vos d'água, meus olhos,  
Enchei-vos d'água, chorai!

## XVI

Eu ontem passei o dia  
Ouvindo o que o mar dizia.

Choramos, rimos, cantamos.

Falou-me do seu destino,  
Do seu fado...

Depois, para se alegrar,  
Ergueu-se, e bailando, e rindo,  
Pôs-se a cantar  
Um canto molhado e lindo.

O seu hálito perfuma,  
E o seu perfume faz mal!

Deserto de águas sem fim.

Ó sepultura da minha raça  
Quando me guardas a mim?...

Ele afastou-se calado;  
Eu afastei-me mais triste,  
Mais doente, mais cansado...

Ao longe o Sol na agonia  
De roxo as águas tingia.

“Voz do mar, misteriosa;  
Voz do amor e da verdade!  
— Ó voz moribunda e doce  
Da minha grande Saudade!  
Voz amarga de quem fica,  
Trêmula voz de quem parte...”

E os poetas a cantar  
São ecos da voz do mar!